

Diário de classe

Pequena farsa em oito quadros

Antonio Arnoni Prado

Aristarco é a condição humana que devora o seu próprio narrador. Somente neste ponto, engolindo-se, O Ateneu revela seu sentido pleno. Violência com pés de barro, sua ferocidade não é distância.

Roberto Schwarz

Personagens:

Aristarco
Arauto
Sérgio
Sargento
Dona Ema
Mânlio
Venâncio
Alunos
Patriotas
Áulicos
Exterminadores
Artilheiros
Ponto
Cenógrafo
Contra-regra

1

Ensaio de 31 de março de 1964. Cena de abertura. Portão do Atheneu. Sérgio, ansioso, espera o sinal para entrar no palco. O Ponto pede emoção e lembra que agora é professor. É de manhã. Fora há barulho de tropa e fãnfarra. O Arauto da Tradição aparece para recebê-lo.

SÉRGIO - (*entrando*) Velho Atheneu! Quanto esperei por este dia!

ARAUTO - O bom filho à casa torna! (*solene*) Ah! a docência, a dedicação aos moços...

SÉRGIO - Quanto sacrifício ela não pede...

ARAUTO - E coragem, meu caro Sérgio, sobretudo coragem...
(*abraçam-se*)

SÉRGIO - Quando saí daqui ainda menino, não imaginei que um dia voltasse para o convívio dos mestres. (*saudoso*) O Mânlio, o Venâncio, o Bataillard...

ARAUTO - Que tesouros não escondem...

SÉRGIO - Foram oito anos de vida erudita, meu nobre Arauto, ouvindo a flauta amena dos poetas e os mistérios insondáveis da filosofia...

ARAUTO - Que belo mestre você dará! (*como quem revela um segredo*) Eu bem que disse ao Aristarco... Ah, o que não sabem os humanistas...!

SÉRGIO - Homens esquecidos, meu caro...

ARAUTO - Gente de têmpera, eis o que são! (*segurando o braço de Sérgio enquanto se dirigem para o centro do palco*) O que pensaria de Camões nas águas do Mekong um desses rapazinhos que queimam a existência pelos fliperamas no esforço supremo de se tornarem mais estúpidos que a própria máquina?

SÉRGIO - Camões! Que exemplo! Dinamene por um manuscrito! (*divagando*) Ah! Transmitir tudo isso, viver a fundo a aventura do espírito...

ARAUTO - (*paternal*) Sem desmerecer a ordem, meu caro, a ordem dos valores que nos cercam.

SÉRGIO - O que eu procuro é a poesia da vida, meu velho Arauto, o sentimento do mundo...

ARAUTO - (*rindo, afável*) Nem só de poesia vivem os homens... Veja ali o nosso Sargento como trabalha a fibra dos moços... (*o Sargento vem marchando à frente de um pelotão de estudantes abalados pelos brados de comando*) Aristarco o venera...

SÉRGIO - Aristarco? A um sargento?

ARAUTO - (*surpreso*) Então não sabe?

SÉRGIO - Um Sargento? No Atheneu? E os velhos bedéis... o Silvino, o João Numa?

O alarido da tropa torna o diálogo inaudível e o Cenógrafo entra com um refletor automático que focaliza na cabeça do Sargento.

ARAUTO - (*em voz baixa*) Aristarco recebeu um telegrama do Plalto... Parece que tramam um levante...

SÉRGIO - (*atônito*) Contra o governo? (*nervoso, o Contra-regra invade a cena puxando Sérgio de lado*)

CONTRA-REGRA – Fale mais baixo que podem ouvi-lo!

ARAUTO - (*as mãos em concha no ouvido de Sérgio*) - Os alunos ainda não sabem de nada...

SÉRGIO - (*desapontado*) Então a minha aula inaugural...

ARAUTO - É por isso que vim recebê-lo. Tenho um recado do Aristarco.

SÉRGIO - Mas os alunos...

ARAUTO - Aristarco quer todos no pelotão!

SÉRGIO - (*assustado*) Num pelotão? Os meninos?

O Ponto, no fundo do palco, gesticula para Sérgio, falando em tom de cochicho.

PONTO - Sairão na frente para acender o ânimo cívico da população! (*para o Contra-regra que se acerca do Sargento*) Esse diálogo está ficando abafado, diminua o som nas botas do Sargento.

ARAUTO - Uma sugestão do Mânlio inspirada na Cruzada de Sans-Avoir.

SÉRGIO - Que crueldade!

ARAUTO - (*rindo discretamente*) Não, não... Os tempos agora são outros. O Mânlio mudou muito.

SÉRGIO - E Aristarco?

ARAUTO - O que tem?

PONTO - (*para Sérgio*) Você não pode falar mais baixo? Desse jeito os alunos descobrem, mandam os pais ao Aristarco e quem se desgraça sou eu!

ARAUTO - Aristarco está onde sempre esteve... (*malicioso*) e quer você no barulho...

SÉRGIO - Eu?

ARAUTO - Pois eu não disse que lhe trago um recado?

SÉRGIO - Para mim?

ARAUTO - Claro! Ele tem um papel para você... coisa para mudar a sua vida...

SÉRGIO - Pobre de mim...

ARAUTO - O que diz?

SÉRGIO - Eu sou um homem de letras, vim aqui para ensinar...

ARAUTO - E por isso recusa a glória? (*interrompendo a marcha, o Arauto tira uma velha fotografia do bolso e mostra para Sérgio*) Quer me dizer que não lembra mais deste dia?

SÉRGIO - (*reconhecendo*) Ah! mas isso faz tanto tempo...

ARAUTO - Você brilhou como um tribuno naquela tarde... Aristarco saiu comovido...

SÉRGIO - Não exagere... Naquele tempo eu era um menino e o dia da formatura era tudo na vida da gente...

ARAUTO - Lembro que Aristarco chorou quando Getúlio Vargas subiu para cumprimentá-lo...

SÉRGIO - Meu pai também se comoveu com o presidente...

ARAUTO - (*saudoso*) Que falta nos faz hoje esse velhinho... Não fosse a perfídia de alguns covardes e o Brasil estaria lá em cima, na dianteira dos povos.

Entra o Sargento.

SARGENTO - (*para o Ponto*) Não deixe o diálogo seguir! Leve o Arauto para fora, senão ele se inflama e a cena descamba no saudosismo!

PONTO - Mas ele não deu ainda ao rapaz o recado do Aristarco!

SARGENTO - A coisa pegando fogo em Brasília e me vem você com recados! (*transtornado*) Fora com os dois! Fora!

O Ponto, amendrontado, tenta levar Sérgio e o Arauto para o fundo do palco, mas eles resistem e permanecem simulando o diálogo através de gestos enquanto o Cenógrafo volta a intensificar a luz na fisionomia do Sargento, que vem para a frente do palco com o Jograal dos Patriotas.

SARGENTO - (*para o Cenógrafo*) É melhor chamar o Aristarco... (*tenso*) A nação está em risco...

ARAUTO - (*do fundo*) Jesus! Em risco?

SOPRANO - As rádios estão dando que os marinheiros se amotinaram no Rio!

CENÓGRAFO - No Rio? Os marinheiros?

SARGENTO - Cale-se, cretino!

CONTRALTO - De Brasília vêm notícias de que uma reforma eliminará a propriedade da terra! A CGT promete paralisar o país!

BAIXO - No Nordeste os camponeses marcham sobre as fazendas!

TENOR - O dinheiro dos bancos cairá em poder dos sindicatos!

SARGENTO - (*lívido*) Mandem cercar a escola com arame farpado! Ponham os alunos na guarda!

ARAUTO - (*aflito*) Chamem Aristarco! Onde está o Aristarco?

SÉRGIO - Mas... e as aulas? Não começamos as aulas?

SARGENTO - (*com furor redobrado*) Diabos partam as aulas! Agora é do Brasil que se trata! Da tradição, da família...

CENÓGRAFO - Da propriedade...

SÉRGIO - (*desapontado*) Mas os alunos...

SARGENTO - Qual mestres, qual alunos... a hora exige soldados! (*para os alunos, em voz de comando*) Pelotão, direita, volver! (*os alunos se*

voltam para a direita) Esquerda, volver! (*eles se voltam*) Pelotão, marchar! (*marcham*) Pelotão, alto! (*param*) Descansar! (*Franco e Barbalho hesitam*) Eu mandei descansar, idiotas!

O Sargento salta para a frente dos dois, que recuam temerosos. Do fundo, o Contra-regra grita para o Cenógrafo.

CONTRA-REGRA - Agora! Ajuste o foco no painel dos cavalos gaúchos bebendo no obelisco!

CENÓGRAFO - (*ajustando o foco no painel do obelisco*) Mais baixo que o Sargento se descontrola...

SARGENTO - (*para os alunos*) Marchar à toa numa batalha é dar o lombo ao inimigo! (*gritando*) O lombo, ouviram? (*Barbalho não contém o riso*) Então acham graça ... (*irado*) Quero ver quando eles chegarem ao poder e tomarem tudo de vocês... Ai vão pedir socorro... (*para o Arauto que, aflito, tenta retornar à cena*) Riem à toa esses frangotes, brincam com o próprio destino, não desconfiam do perigo que os espreita...

ARAUTO - (*enérgico*) Façam-se homens, bandalhos!

SARGENTO - (*entusiasmado*) Um canhão que fosse, um só canhão e um dia de impunidade!...eis tudo o que eu precisava para varrer deste país os canalhas que o infestam!

ARAUTO - No Atheneu a imoralidade incomoda!

SARGENTO - (*aos brados*) Deodoro! Como legitimar o peso do seu legado num país onde o presidente manda os soldados se rebelarem, os operários cruzam os braços e os ministros pedem aos camponeses que invadam os latifúndios? (*erguendo os braços, punhos cerrados*) Ah! Um simples canhão, meu Deus! (*exaltado*) Caxias! levanta esse pendão dos ares! Castelo! honra a glória dos teus pares!

PONTO - (*à parte*) Vira essa boca para lá.

CONTRA-REGRA - (*à parte*) Arreda!

SARGENTO - (*para os alunos, aos brados*) Cerquem a escola! Mantenham a guarda! (*segurando Franco e Barbalho*) Vocês descem comigo para a cafua!

O pelotão avança e o palco vai-se apagando em resistência

2

Luz no gabinete de Aristarco. Pince-nez grosso de tartaruga. Sérgio, esquecido num canto. Utensílios de ensino astronômico. Estrelas de arame. Rodas de latão. Lâmpadas de nafta. O Contra-regra e o Cenógrafo preparam o set.

CENÓGRAFO - *(para o contra-regra)* E o Arauto? Não vem?

CONTRA-REGRA - O Sargento pediu para trocá-lo por essa escrivaniinha. A ação corre mais solta...

CENÓGRAFO - Mas e o rapaz?

CONTRA-REGRA - O que tem?

CENÓGRAFO - Vai ficar ali olhando feito um tolo?

CONTRA-REGRA - Aristarco quer assim. É para marcar posição desde logo. E depois o Sargento exige o Arauto lá fora. Parece que os alunos se recusam a ficar de prontidão se aqueles dois não forem soltos.

CENÓGRAFO - *(com pena do desconforto de Sérgio)* Dá vontade de convidá-lo a sentar-se.

CONTRA-REGRA - Está louco? Não lembra o que aconteceu ao Rui Barbosa quando aqui esteve a Princesa? Três horas ali de pé sem que Aristarco o notasse?

CENÓGRAFO - Isso foi antigamente, o Rui já estava acabado, de crista caída ... Mas esse rapaz? Dê só uma olhada... alto, forte... bem do tipo que Aristarco cultiva...

CONTRA-REGRA - Veja lá o que você diz...

CENÓGRAFO - Só estou dizendo que é uma pessoa distinta e que...

CONTRA-REGRA - *(cortando)* Não interessa se é cozido ou mal passado! Acerte logo a iluminação do ambiente e faça o telefone tocar se não a ação não começa!

O Cenógrafo ilumina a escrivaninha de Aristarco e faz disparar a campainha do telefone, que fica tocando até que Aristarco, irritado, resolve afastar-se de seus apetrechos e interpelar o Cenógrafo.

ARISTARCO - *(para o Cenógrafo)* Vamos logo, idiota! Veja quem é!

CENÓGRAFO - *(correndo assustado para o telefone, com movimentos que simulam conversa)* Está, sim. Está. Um momento...

ARISTARCO - *(impaciente)* Quem é?

CENÓGRAFO - *(preocupado)* O ordenança do Marechal!

ARISTARCO - Do Marechal? Mas não ficou combinado que o Tenente chamaria primeiro?

CENÓGRAFO - *(para Aristarco)* Primeiro o Capitão e depois o Tenente... *(preocupado)* Eu não entendo... *(para o interlocutor)* Sim, sim, já vem...

PONTO - *(enérgico)* Cale-se! *(tomando o telefone das mãos do Cenógrafo, num tom comedido)* Pois não? Sim, é ele... Aristarco Argolo de Ramos... Verdade? Já está nas ruas? Sem resistência? *(eufórico, para o Cenógrafo)* A ação já foi desencadeada! O Planalto está sob ultimato e o Presidente fugiu!

CENÓGRAFO - Viva o Brasil! Salve o Atheneu!

CONTRA-REGRA - *(baixo, para o Cenógrafo)* Pare com isso! Essa fala é do Arauto...

PONTO - *(à parte, para o Contra-regra)* São gatos do mesmo saco...

ARISTARCO - *(reatando a conversa ao telefone)* O quê? O Marechal? Você tem certeza? *(para o Contra-regra, desligando emocionado o telefone)* O Marechal confirmou o convite e vem para o Atheneu comemorar a vitória!

CENÓGRAFO - *(marchando no palco, imitando o Sargento)*

*Castelo ligou pro Ademar,
que ligou pro Peri,
que avisou o Sizenão...
Vieram os homens do Guedes,*

*as tropas do Frota
e do bravo Mourão!*

ARISTARCO - Vivooô!

PONTO - (*para o contra-regra*) Quero ver essa alegria quando o homem chegar...

CONTRA-REGRA - Safado... Será o primeiro a se desgraçar...

ARISTARCO - (*com gestos largos*) chegou enfim a consagração do Atheneu! Um dia para muitas glórias e orgulho cívico! (*para Sérgio, que o olha embasbacado*) Um dia para a consagração do seu talento, menino! pois foi para isso que o chamei... para saudar com a sua verve de poeta o desprendimento heróico dos nossos cabos de guerra!

SÉRGIO - (*embaraçado*) Quer dizer que o Atheneu...

ARISTARCO - Conspirou e venceu! O Marechal acaba de nos creditar a honra da vitória e vem depositar na escola o munus da liberdade! (*enérgico*) E o Arauto? Chamem o Arauto e o Sargento! Quero o pelotão dos meninos na rua, à frente dos patriotas! (*o Cenógrafo sai em busca do Arauto e o Sargento*) Quanto a você, Sérgio, tem vinte e quatro horas para encontrar a fórmula de eternizar a conquista com engenho e muita arte... (*noutro tom, as mãos nos ombros de Sérgio*) Quero alguma coisa dinâmica, uma moldura humanística para os bravos que se rebelaram, compreende? E tudo num tom de pompa e grandeza, pois o Marechal é hoje um herói, e os heróis, como você sabe, estão muito acima de nós...

SÉRGIO - Mas eu, senhor? ... o Atheneu tem tantos luminares, lentes consagrados como o Hartt, o Delille, o Courroux, virtuosos como o Alberto Souto, o violino do Barros Andrade, o *harmonium* do Sampaio...

ARISTARCO - Quero coisa diferente, um sentimento épico que dê nova alma à nossa conquista, um sopro de grandeza...

SÉRGIO - Mas a gravidade do tema! A vocação nacional da empreitada, senhor! São coisas para intelectuais consagrados... gente como o Venâncio, o doutor Cláudio, o Mânlio, que viram o Império cair e aprenderam a admirar a destreza dos generais... Já eu... (*noutro tom*) sou

apenas um aspirante que acaba de chegar, e mesmo assim...

ARISTARCO - (*como se não ouvisse*) Quero pompa e grandeza, e o Arauto garante que só você é capaz...

SÉRGIO - Mas o Arauto...

ARISTARCO - (*cortando, amável*) Veja com ele o roteiro; ele conhece a legenda das nossa tradições... (*estreitando o abraço em Sérgio, que se encabula*) Não me deixe sozinho agora que a glória nos pode unir para sempre... (*efusivo*) Coragem para a luta! O Marechal e seus homens terão no Atheneu a maior homenagem que o Brasil ousou prestar aos filhos que o defendem!

Entram o Arauto e o Sargento, que vão com Aristarco para o fundo da cena; o Ponto, seguido pelo Cenógrafo, aproxima-se de Sérgio, desolado no centro do palco.

PONTO - (*apreensivo*) Você ficou sozinho, rapaz... e agora é tarde...

SÉRGIO - Eu sei o que estou fazendo...

PONTO - Vocês intelectuais ... não se emendam. Falam, falam e acabam sempre no bico dos poderosos...

SÉRGIO - Não sei... os olhos do Aristarco... aquele modo de falar e de tocar...

PONTO - Não, não... você no fundo teve medo...

SÉRGIO - E o que você queria que eu fizesse? Que o enfrentasse?

PONTO - (*enérgico*) Recusasse o papel, como convinha a um homem que pensa!

SÉRGIO - (*enfarado*) Se isso ao menos me poupasse os riscos...

PONTO - Agora é tarde...

SÉRGIO - Conheço o meu valor.

PONTO - (*mordaz*) O seu valor? Então já esqueceu o destino dos atores que viveram o papel esses anos todos de golpes e sedições?

SÉRGIO - O Arauto garante que o papel agora é decisivo,... coisa capaz de mudar a minha vida...

PONTO - Ah! a maldita glória... (*enérgico*) pois pergunte ao Mânlio,

ao Meireles e ao Bataillard de que modo o Arauto mudou a vida deles...

SÉRGIO - (*atônito*) O Arauto?

CENÓGRAFO - (*cortando, para o Ponto*) Não seja maldoso e volte para o seu buraco de ventríloco! (*para Sérgio*) Não dê ouvidos a quem nunca esteve num palco... e acredite que você é hoje no Atheneu a única pessoa à altura do papel que pertenceu a tantos homens de gênio...

PONTO - Áulicos, você quer dizer...

CONTRA-REGRA - Áulico, um Bilac? Áulico, um Villa-Lobos?

SÉRGIO - (*à parte*) Grandes destinos! extraordinários poetas!

PONTO - Pois beijaram a mão de Aristarco e vinham sempre procurar instruções...

CENÓGRAFO - E isso perde o que fizeram? Como esquecer a letra do hino à bandeira, os corais que saudaram o Estado Novo? E o exemplo que plantaram? Como não lembrar, me diga? Um Athayde, um Reale, um Corção...

PONTO - Falo do Mânlio, do Bataillard, do Meireles... Você estava lá, você e o Contra-regra... me ajudando a marcar o ensaio... Por que não diz ao Sérgio o que o Arauto lhes preparou? (*malicioso*) Não tem coragem?

CENÓGRAFO - O Arauto? Que culpa tem o arauto se eles decidiram afrontar os Artilheiros que marcharam com Deus?

CONTRA-REGRA - (*irrompendo bruscamente no palco*) Vamos! Corram! Tratem logo de mudar o cenário! Aristarco, o Arauto e o Sargento vêm vindo para cá... (*apreensivo*) Parece que temos visitas...

PONTO - (*para Sérgio, que parece aturdido*) Não ouve lá fora os clarins?

Sobem em BG ruídos de botas que batem e clarins que modulam a cena com acordes marciais sincopados.

CONTRA-REGRA - Os Artilheiros? Meu Deus! Meu refletor! (o

Cenógrafo sai apressado em busca do refletor)

PONTO - É sempre do mesmo jeito...

CONTRA-REGRA - Ninguém sabe de onde vêm...

PONTO - Chegam sempre de repente, vêm calados, não cumprimentam nem pedem licença...

CONTRA-REGRA - Vasculham tudo, os desalmados...

PONTO - Queimam livros, rasgam arquivos, fazem perguntas...

SÉRGIO - E Aristarco? O que faz?

PONTO - Tranca-se no gabinete com o Arauto e o Artilheiro-mor...

CONTRA-REGRA - Telefonam, olham mapas, confabulam...

PONTO - Ficam horas lá dentro... às vezes se abraçam, erguem brindes, comemoram...

SÉRGIO - (*indignado*) E os professores? Protestam?

CONTRA-REGRA - Os que se atreveram, eles levaram...

SÉRGIO - Para onde?

CONTRA-REGRA - Ninguém sabe...

PONTO - (*cauteloso*) O Bataillard, da Instrução Física, nunca mais apareceu...

CONTRA-REGRA - (*as mãos em concha, no ouvido de Sérgio*) Recusou-se a passar o comando dos exercícios ao Sargento...

PONTO - Levaram-no uma manhã de domingo, quando todos dormiam... Berrava feito escravo no agulhão...

CONTRA-REGRA - Dizem que o mutilaram...

PONTO - Como fizeram ao Meireles... (*para Sérgio*) Você lembra do Meireles?

SÉRGIO - De Filosofia?

CONTRA-REGRA - Acabaram com ele no galpão da Natação!

PONTO - O corpo apareceu boiando na piscina na noite da sexta-feira santa...

CONTRA-REGRA - O Arauto diz que foi suicídio e o padre Ambrósio confirmou na homilia...

PONTO - (*temerário*) Ele e o Mânlio se recusaram a escrever um

elogio comparando a coragem do Marechal à bravura de Simon Bolívar...

SÉRGIO - (*aflito*) E o Mânlio? Liqüidaram com ele?

CONTRA-REGRA - Liqüidar não liqüidaram... (*abatido*) mas não tente se aproximar do coitado...

PONTO - Ficou um trapo...

CONTRA-REGRA - Delira até hoje no pavilhão da enfermaria aos cuidados de Dona Ema...

CENÓGRAFO - (*voltando à cena, esbaforido*) Abram! Abram que Aristarco vem entrando!

PONTO - (*apressado para Sérgio*) Pense bem... você tem vinte e quatro horas...

SÉRGIO - (*angustiado*) O Arauto! Quero ver o Arauto!

Vão todos para o fundo palco, menos o Cenógrafo, que fica simulando uma inspeção no cenário quando entram, solenes, Aristarco, o Arauto e o Sargento, à frente dos Artilheiros.

3

Aristarco, de perneiras e orgulho cívico. Carrega os símbolos do Atheneu. O Arauto puxa entusiasmado o baú vistoso dos uniformes. Atrás, o Sargento. Marcial. Em passo de ganso. Vem ouvindo num rádio de campanha o ritmo de um dobrado militar. O dobrado marca em BG o compasso de entrada dos Artilheiros.

ARISTARCO - (*para o Cenógrafo*) As bandeiras! Que hasteiem todas as bandeiras!

ARAUTO - E pompas de gala em respeito à tradição! (*remexendo no pesado baú enquanto o Cenógrafo simula hastear as bandeiras*) Aqui estão as insígnias da nossa glória para quando o Marechal chegar! (*para Aristarco*) Isto fica com você! É o espadim do grande Floriano!

ARISTARCO - (*solene*) Não, não! Essa honra eu transfiro ao Mare-

chal, o bravo que arrostou tantos perigos... (*para o Arauto*) Contento-me com as dragonas do Deodoro...

ARAUTO - Pois lhe ficam muito bem... como não? as dragonas...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - (*adiantando-se ao Arauto, severo*) - As dragonas, jamais!

SEGUNDO ARTILHEIRO - Pertencem por direito ao General!

TERCEIRO ARTILHEIRO - (*incisivo*) Foi dele o fogo do primeiro tiro!

SARGENTO - (*submisso*) E que tiro! Um petardo que fez os tanques roncarem feito doidos para a Guanabara...

ARAUTO - (*para Aristarco*) Feito doidos, não lembra? Os tanques que deixaram Minas no raiar do dia?

ARISTARCO - (*sem jeito*) Sim! Sim! É verdade, agora lembro... (*resignado, para o Arauto*) Fico então com os alamares do Benjamim Constant...

ARAUTO - (*solene*) Ora, é claro... (*removendo o baú*) os alamares...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - Os alamares do Benjamim? (*implacável*) Nem pensar...

SEGUNDO ARTILHEIRO - A justiça manda entregá-los ao Coronel!

ARAUTO - (*protestando*) Como Arauto e em nome da tradição, sinto-me no dever de...

TERCEIRO ARTILHEIRO - (*rude*) Coube a ele a glória do segundo tiro!

ARISTARCO - Vossa Excelência me perdoe, mas privar-me das insígnias da tradição em nome do efeito bombástico de dois estampidos...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - Efeito bombástico? Pois lembre que o Império ruiu sem o estouro sequer de uma bala!

ARISTARCO - (*desolado*) Mas, meu Deus! Por dois reles estampidos...

SEGUNDO ARTILHEIRO - (*severo*)... que mudaram o destino da República...

TERCEIRO ARTILHEIRO - ... e que para o brilho da nossa histó-

ria passam a valer como se fossem centenas, milhares de obuses cruzando os céus do Brasil em defesa da nação ameaçada...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - Afinal a legenda faz a glória... e o Atheneu tem homens de talento...

SEGUNDO ARTILHEIRO - (*irônico*) ... Almas generosas que esculpem no imaginário da pátria o perfil dos seus heróis...

TERCEIRO ARTILHEIRO - E o Marechal, todos sabem... quer muitos tiros na campanha, uma legião de inimigos emboscados em cada esquina... saraiva, fogo, metralha e muita bomba...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - (*comovido*) E na frente, em luta aberta, o arrojo de todos os golpes, a vida em risco a cada passo, colunas dividindo o inimigo, o cerrado em chamas, arcabuses no Palácio do Planalto...

SEGUNDO ARTILHEIRO - (*passeando pelo palco, gestos largos*) E povo, muito povo nas ruas... Multidões acenando em cada praça, mulheres saudando heróis, velhos, crianças, negros, índios, brancos, ricos e mendigos... todo o Brasil no trem da liberdade...

TERCEIRO ARTILHEIRO - Como se tivesse acontecido na vida... (*enfático*) e até mais vivo que a própria realidade...

CENÓGRAFO - Mas isso não está no texto!... (*preocupado*) efeitos especiais, multidões de figurantes, praticáveis complexos...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - (*indignado*) Como? Não está no texto?

ARAUTO - O texto, ora o texto... O texto se faz...

ARISTARCO - ... e está nas mãos de um grande poeta...

SEGUNDO ARTILHEIRO - Um poeta? Fazendo o texto?

TERCEIRO ARTILHEIRO - (*apreensivo*) O Marechal não gosta de poetas...

ARISTARCO - Mas esse tem muito espírito... (*solene*) Em vinte e quatro horas nos traz o molde da conquista!

ARAUTO - Uma ópera, um drama, um poema...

ARISTARCO - Quem sabe uma epopéia...

CENÓGRAFO - Impossível...

ARAUTO - Como impossível, se os atores somo nós?... Não esqueça que o talento é que vale ...

ARISTARCO - (*eufórico*) Pois eu já me vejo em cena, arrastando-me com o Marechal pela caatinga do cerrado... a força da ação dramática puxando a nossa fúria contra o matraquear das metralhadoras aninhadas nos nichos do Planalto... (*fazendo gestos, imitando a cena*) O Marechal em pé, no lombo do animal em disparada, em meio às balas que zuniam, e eu atrás... a mão no pau-de-fogo...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - (*contrariado*) Não, não... você assim falseia o enredo...

ARISTARCO - Qual enredo... eu vejo tudo como se estivesse no palco, como se a ação fosse agora... (*vibrando*) a orquestra subindo, os violinos em baixo-contínuo... *piccicando* clarone e as castanholas, pontilhando o tiroteio...

SEGUNDO ARTILHEIRO - Mas essa cena vem depois...

ARISTARCO - Eu vejo tudo como se fosse agora... (*recitando, marcial*) Balas... bum! Bombas... bom! estronda o chão! É o Marechal que sai do pelotão... e avança pro Planalto em sedição! (*faz uma mesura, como se pedisse aplausos*)

TERCEIRO ARTILHEIRO - Não, não, a ação começa conosco (*enfático*) Primeiro nós marchamos com Deus pela liberdade... encharcando o Brasil de pólvora e água benta...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - ... depois a Virgem desce dos céus e aterrissa em apoteose no vale do Anhangabaú apinhado de gente...

SEGUNDO ARTILHEIRO - (*eufórico*)... lá embaixo, sob a sua santa guarda, a cobra fumando... e uma chuva de pétalas de rosas caindo de leve sobre os nossos fuzis...

TERCEIRO ARTILHEIRO - ... no rádio, o dia inteiro, só retreta e dobrados...

CENÓGRAFO - ... e o povo olhando tudo abestalhado...

ARAUTO - Não, não ...o povo todo rezando e agitando lenços...

(*comovido*) Que grande cena eu imagino... eu lá em cima conduzindo a Virgem num dirigível ao lado do Cardeal que trouxe a santa de Lourdes para garantir a vitória... (*rindo e movimentando-se para impressionar os Artilheiros*) Nós dois lá em cima, a Tradição e a Fé, como no balão do Patrocínio...anunciando a pátria nova que surgia...

ARISTARCO - (*acercando-se do Arauto*) ... o Brasil dos homens de escol...

ARAUTO - ... da mocidade saudável que saiu às ruas...a pátria das mães de família que cerraram fileiras ombro a ombro com os trabalhadores ordeiros...

SARGENTO - (*impaciente, para o Arauto*) E o meu canhão? Você me prometeu um canhão...bem ali na praça, a boca redonda farejando o inimigo até que a santa apeasse...(*suplicante, para os artilheiros*) Ah! Deus vai me conceder a glória do terceiro tiro...

PRIMEIRO ARTILHEIRO - Impossível, Sargento... logo o tiro de misericórdia...

SEGUNDO ARTILHEIRO - ... Esse o Marechal não dispensa...

TERCEIRO ARTILHEIRO - (*divertindo-se*) Imagine... logo esse...que ninguém sabe de onde vem e explode no coração do Brasil bem no ápice da ação dramática...

SARGENTO - (*despeitado*) Mais fogoso que o meu canhão?

ARAUTO - (*solene, para o Sargento, puxando o grupo para frente do palco*) Esse tiro, Sargento, ficou estrondando pelo tempo... não tem começo nem fim... Não cabe em nenhum parábelum e explode sempre a nosso favor... Começa com Caramuru e joga brasa em João Ramalho... Toca fogo em Canudos, rebate em Virgulino e vem acender os tenentes que inflamam os generaisantes de esquentar o Marechal... Um fogo cívico, ancestral, que só os fortes conhecem...

ARISTARCO - (*apressado, roubando a fala ao Arauto*) ... Um tiro patriótico, Sargento, capaz de amordaçar os ardores excessivos e de retemperar o ânimo dos que se dão por vencidos... Um fogo que esprieta, adivinha os temperamentos, fiscaliza as amizades e previne a depra-

vação dos inocentes...

TODOS - (*marcando passo no palco enquanto chamam em voz alta*)
Sérgio! Ponto! Contra-regra! Onde estão vocês? O ensaio vai começar!

4

Tarde de 31 de março. O set está apagado. O Cenógrafo e o Ponto dormem tranqüilos na ribalta. O Contra-regra joga canastra na mesa de Aristarco. O Arauto toma refrigerante e discute com Sérgio o script da homenagem. Sentado na primeira fila da platéia, Aristarco ensaia com o Jogral dos Patriotas.

ARAUTO - (*ar de desapontado*) Ora Sérgio... francamente... essa descrição do Planalto...

SÉRGIO - O coração do Brasil, meu bom Arauto! Espaços épicos! Cenários virgens!

ARAUTO - (*depreciando*) Matos ralos, capoeiras de embira, o cerrado morto... Não pode ser como a realidade ... o Marechal não quer... (*num desabafo*) Aquilo dá sono...

ARISTARCO - (*solene, dois fortes pigarros entre pausas, como quem se prepara para começar um discurso*) Senhor Marechal! Hoje o Brasil se levanta!

JOGRAL DOS PATRIOTAS - (*entrando, a um sinal de Aristarco*)

Eia, banqueiro!

Vamos, patrão!

Tragam dinheiro

E mais munição!

SÉRGIO - Mas não é ali o governo? Não foi de lá que o presidente fugiu?

ARAUTO - (*irritado*) Ora, nada de fatos! Nada de governo! Me inte-

ressam os heróis... alguma coisa que calasse a boca de todo mundo...
que passasse depois nos cinemas...

SÉRGIO - Pois então!... (*destacando umas páginas do calhamaço que o Arauto tem nas mãos*) veja aqui... na segunda cena do primeiro ato...

ARAUTO - (*debruçando-se sobre o papel, óculos atentos*) Onde?

SÉRGIO - Aqui! (*aponta para o texto com o dedo*)

ARAUTO - Na introdução do primeiro ato?

SÉRGIO - É. Olhe aqui! A cena que descreve o Marechal investindo contra o Palácio do Planalto!

ARISTARCO - (*no mesmo tom*) *Homens valorosos sob o teu comando disseram um basta à ruína da alma nacional pelo câncer da baderna...*

JOGRAL DOS PATRIOTAS - *Sus, bacharel!*

Vem, figurão!

Já, magnata!

Pega o canhão!

SÉRGIO - Então não lembra? (*recordando*) O paralelismo da ação dramática ponteando o trotar do potro-xucráo do Marechal com o pipocar das metralhadoras...

ARAUTO - Para dizer a verdade, não lembro.

SÉRGIO - Não lembra? O exemplo de bravura, meu velho Arauto? A coragem que o movimento da cena consegue passar! (*gesticulando*) O Marechal em pé em cima daquele bicho, atravessando o tiroteio... a multidão toda aplaudindo...

JOGRAL DOS PATRIOTAS - *Corre, grã-fino!*

Oi, tubarão!

Vem, chapa-branca!

Teu mosquetão!

ARISTARCO - Senhor Marechal! Se o testemunho da História não me trai, dez horas bastaram para uma grande revolução!

ARAUTO - Aristarco não vai gostar desse potro-xucráo...

SÉRGIO - Não entendo...

ARAUTO - Ora, o xucro é uma cavalgada indolente, tapada... e o

Marechal... (*contrariado*) pusesse um ginete, um palafrem de gualdrapa, um manga-larga-marchador...

SÉRGIO - É um xucro que eu quero!

ARAUTO - Então confirma!

SÉRGIO - (*desdenhando*) Num palafrem é fácil... qualquer um faz bonito... (*rindo, irônico*) Quero ver é montar a pelo em burro xucro... e esse, para a grandeza da cena, é um animal indomado que o Marechal laçou no cerrado ali na hora à falta de um cavalo equipado que o levasse ao coração da refrega...

ARAUTO - (*encabulado*) Mesmo assim...

SÉRGIO - Então não vê? A coragem que é preciso para unhar um bicho desses? ... A metáfora de força que vai aí sugerida? (*altivo*) Ao invés do cavalo de Tróia, cheio de soldados e de ardís, desembestamos no Planalto o xucrão de Brasília, rasgando o campo e cuspidando fogo...

ARAUTO - Não é só uma questão de poesia... (*compenetrado*) mais grave é o fundo histórico da coisa...

SÉRGIO - Não sei por quê...

ARAUTO - (*cortando*) Que ninguém nos ouça... (*as mãos em concha*) não houve resistência em Brasília...

SÉRGIO - Então os combates...

ARAUTO - ... quando os revolucionários chegaram, o Palácio estava às moscas... (*amargo*) nem uma vela para abençoar a escuridão...

SÉRGIO - (*perplexo*) à moscas?

ARAUTO - Fale baixo que podem ouvir...

SÉRGIO - Mas... se não houve batalhas... (*exaltado*) Não, não... vocês me enganaram! Eu fui um tolo... (*imitando com desdém o Arauto*) Um espetáculo épico, documental... grandeza histórica...

ARAUTO - Por favor, não perca a calma...

SÉRGIO - Mas se não houve batalhas...

ARAUTO - Ora, Sérgio, esqueça as batalhas...

SÉRGIO - (*enérgico*) É delas que nascem os heróis!

ARAUTO - Ilusão, meu caro... eles vêm dos livros, dos poemas...

estão no cinema... dependendo, é claro, de quem os pinta...

ARISTARCO - *(arrematando o ensaio da louvação)* Vai, Marechal, bombarda peregrina! Voluntários nas ruas! Mães vibrando nas praças! Bandeiras tremulando nos carros! O povo unido te consagra!

JOGRAL DOS PATRIOTAS - *Dá-lhe, Adhemar!*

Vai, Magalhães!

Força, Fleuri!

Ralem-se os cães!

CONTRA-REGRA - *(berrando)* Canastra! Bati com as três!

PONTO - *(acordando assustado)* E o curinga? Onde está o curinga?

CONTRA-REGRA - O curinga morreu... *(dá uma gargalhada)*

ARAUTO - É tudo falso, não se iluda... Nem mesmo em Camões... aqueles entes cortando as águas, rasgando nuvens... O que você pensa? Na vida não chegavam a pó de traque...

PONTO - *(apontando para Sérgio)* Morreu nada! Olhe ali!

SÉRGIO - Para mim basta! *(retoma o script e desvencilha-se do Arauto que, de braços abertos, tenta cercar-lhe o caminho)* Eu pulo a ribalta!

ARAUTO - Calma, homem... calma... Procure compreender... o dia da homenagem está aí e sem o texto vai ser o diabo...

SÉRGIO - *(fazendo menção de escapar pela platéia)* Um texto sublime, uma obra-prima, uma peça de arte... pois diga ao Aristarco que não tem... que o poeta que você inventou não existe... Heróis de sacristia, isto sim... Revolução sem luta... *(tenta saltar, mas é contido pelo Arauto, que o alcança)*

ARAUTO - *(aparvalhado)* Não pule! Os Artilheiros não vão perdoar...

ARISTARCO - *(grave, concluindo num gesto de tribuno)* A luta é o teu destino, Marechal! Teu coração, uma trincheira! *(abrindo os braços)* Muito obrigado! Tenho dito!

Aqui explodem vaias que sobem da platéia e vão gradualmente engrossando o coro dos alunos.

PRIMEIRO ALUNO - Pula, Sérgio! É fiasco!

SEGUNDO ALUNO - Fora, Aristarco!

TERCEIRO ALUNO - Soltem Franco e Barbalho!

TODOS - (*em coro*) Solta já! Solta já! Solta já!

ARISTARCO - (*alarmado*) De onde vem a baderna?

CENÓGRAFO - Uma patuscada de veteranos...

ARAUTO - (*largando Sérgio e precipitando-se pelas escadas do palco*)
Um leviandade de canalhas, isto sim!

ARISTARCO - (*lívido*) Não posso crer! Nas minhas barbas! (*para o Cenógrafo*) Onde está o Sargento? Ponham ordem na platéia!

PRIMEIRO ALUNO - Cai fora, Sérgio! Pula! O Marechal vai dar risada...

SEGUNDO ALUNO - ... heróis de bumbo e retreta...

TERCEIRO ALUNO - ... jogatina no palco... queremos Franco e Barbalho!

SÉRGIO - (*revoltado, saltando para a platéia*) - Revolução de papilotes...

ARAUTO - Vendilhões do templo! Gigolôs da pátria!

ARISTARCO - (*para o Jogral, indignado*) Pobre Brasil!...Precisar de poetas...

SÉRGIO E ALUNOS - Solta já! Solta já!

ARISTARCO - (*subindo ao palco, com o Jogral dos Patriotas*) Ordinários! Logo agora que a nação se levanta! (*para o Arauto*) Preparei-me a vida inteira para ingressar na História, e agora que a porta se abre, me aparece essa corja de vagabundos para arreliar o espetáculo...

PRIMEIRO ALUNO - Acusado um Artilheiro na cortina!

SEGUNDO ALUNO - Mostra logo o Marechal!

SÉRGIO E ALUNOS - Essa guerra aí no palco é pastelão!

ARISTARCO - Mas, meu Deus! Que ingratidão! (*para os alunos, indignado*) Não basta a fibra a me pulsar no coração?

ARAUTO - (*exibindo um estrepe*) E esse pau que quase fura o meu pulmão?

SARGENTO - (*do fundo do palco, ofendido*) E eu? O que não soffro

em garantia da nação? *(aos brados)* Balas, fuzis, trincheiras, canhão...

ALUNOS - Solta já! Discurso, não!

ARISTARCO - *(enérgico, para o Sargento)* Acabe logo com essa farsa!
Cerque a platéia!

ARAUTO - Pau na canalha! *(para o Cenógrafo)* Apague o refletor!

CENÓGRAFO - *(afrito)* Meu Deus! O refletor!

A platéia escurece, o Sargento desembainha o sabre e avança para Sérgio e os alunos, que permanecem vaiando; todos se movimentam como se lutassem até que a cena é interrompida pelo estrondo de um tiro

ARISTARCO - *(revólver na mão, um berro na penumbra)* Ordem, em nome da pátria! E respeito aos bravos que se rebelaram! *(para o Sargento)* Parabéns por esse ato de coragem! *(abraçando-o)* É a incandescência das comoções superiores!

A cena se reilumina; Sérgio e os alunos aparecem enfileirados e emudecidos, de rostos voltados para o fundo do palco, sob a mira do Sargento.

5

O Ponto reabre a cena despertando cada um dos alunos que ainda permanecem paralisados no palco.

PONTO - Vamos, gente! Pode virar! Eles já saíram! *(os alunos vão se virando para o proscênio, desconfiados)*

Trazido pela mão do Contra-regra, o professor Mânlio entra se arrastando, acompanhado de Dona Ema. Os dois se acomodam num tamborete do palco.

CONTRA-REGRA - *(gritando para Sérgio)* Vem, Sérgio! Pode en-

trar! O professor Mânlio já chegou!

SÉRGIO - (*entrando, comovido*) Professor! Dona Ema!

DONA EMA - Que surpresa! E tão assustado...

SÉRGIO - Me perseguem!

MÂNLIO - Quem é esse moço?

DONA EMA - É Sérgio, o amigo de Franco...

CONTRA-REGRA - O poeta de que lhe falei, professor...

DONA EMA - Poeta?

SÉRGIO - Artes de Aristarco... (*constrangido*) Fizeram uma revolução...

DONA EMA - (*cortando*) Chiii... outra?

MÂNLIO - ... e querem que você colabore...

DONA EMA - (*à parte*) Então era isso... aqueles Artilheiros assanhados lá na coxia...

MÂNLIO - (*sombrio*) Pois se aceita um conselho, colabore enquanto é tempo!

SÉRGIO - Mas você se recusou... não pôs letra na canção do Estado Novo...

MÂNLIO - E o que ganhei? (*mostrando as cicatrizes do corpo*) Olhe aqui o que me fizeram... Eles me pegaram... (*amargo*) Bem fez o Venâncio... nunca foi de oposição... Adoçou o Floriano, bajulou o Estado Novo e agora é quase ministro aguardando posse na Academia...

PONTO - (*alto, em direção à coxia*) - Vem agora, doutor Venâncio! Sérgio já entrou! (*Venâncio entra desconfiado*)

VENÂNCIO - (*seco, não cumprimenta ninguém*) E então? O que me querem?

MÂNLIO - O rapaz quer nossa ajuda.

DONA EMA - Aristarco o persegue.

VENÂNCIO - Querem o script de volta! (*para Sérgio*) O Arauto me disse maravilhas a seu respeito... que sabe poesia, romance, tragédia... Chegou a sugerir que pensássemos em alguma coisa a quatro mãos...

SÉRGIO - Rasguei o *script* (*para Mânlio*) Já viu alguém inventar revoluções?

VENÂNCIO - Não posso compreender... Recusar-se a dramatizar a

força telúrica de todo um movimento de redenção nacional... Afinal, não era a literatura que você queria viver?

SÉRGIO - Com informantes, artilheiros e sargentos? Pois viva-a você!

VENÂNCIO - Já vivi a minha glória, hoje estou aposentado...

SÉRGIO - O assunto é podre!

MÂNLIO - (*para Sérgio*) Venâncio sabe o que diz...

SÉRGIO - Por isso ganhou a Academia...

VENÂNCIO - E não merecia? (*arrogante*). Pois saiba que escrevi o libreto inteiro da ópera da vitória na Revolução de 30! Ou não me valeram nada aquelas noites? (*para Mânlio*) O cardeal Leme e o Jackson de Figueiredo... você lembra, Mânlio? Vinham para cá e ficavam até tarde com Aristarco no órgão da capela, gemendo te-déuns por intenção da revolta...

DONA EMA - (*saudosa*) Eu me lembro... ficavam horas arrulhando, Dom Leme soprando no diapasão e o bom Jackson fazendo versos... (*cheia de pena*) Coitado, morreu tão moço... Nem viu a luta...

VENÂNCIO - Plínio Salgado chorou três dias! (*para Sérgio*) Graças a mim estão imortalizados...

SÉRGIO - (*expressão de asco*) No que vocês se transformaram! Então é isso o que me oferecem agora que os Artilheiros querem a minha cabeça? (*gritando*) É só nisso que sabem pensar?... influências, orgulho, vaidade... E dizer que ensinaram gerações... que nos fizeram homens... (*Venâncio, de costas para Sérgio, se afasta devagar, dirigindo-se para os bastidores*)

SÉRGIO - (*gritando*) Venâncio! Você inspirou um compromisso! Nós crescemos acreditando em você!

VENÂNCIO - (*afastando-se, sem se voltar*) Estão imortalizados, graças a mim... imortalizados...

SÉRGIO - (*tentando segui-lo*) Derrubaram a sua cátedra, Venâncio! A biblioteca virou caserna! Aprisionaram os alunos e mataram o Bataillard! (*Venâncio atravessa as cortinas e desaparece nos bastidores*)

PONTO - Desista, Sérgio... não adianta! O papel dele termina aqui...

Aristarco arranhou-lhe uma missão em Paris... vai ser adido cultural na embaixada...

DONA EMA - (*levantando-se*) Está ouvindo, Mânlio? Venâncio em Paris e você aí perdido como o cachorro do Quincas Borba... (*enfezada, entregando-lhe a bengala*) Vamos, homem! Que já são horas!

MÂNLIO - (*arrastando-se com a bengala*) E o que você queria? A minha especialidade é o cantochão gregoriano e em 1930 não havia nada a consagrar, nem heróis e nem vilões... Uma tristeza... E depois... Aristarco largou tudo em minhas mãos... não disse como queria a *ouverture*, o compasso das árias, a modulação dos duetos...

SÉRGIO - Mânlio! Dona Ema! Esperem!

MÂNLIO - (*indiferente, para Dona Ema, enquanto se dirigem para a coxia*) Mas mesmo assim, se não fosse o Jackson, o Venâncio não escreveria aquela ópera...

DONA EMA - Pobre Jackson!

MÂNLIO - Morreu tão cedo...

SÉRGIO - Volta, Mânlio! Você não se curvou! (*Mânlio e Dona Ema se afastam conversado calmamente*)

PONTO - Não insista! Eles já não podem mais representar... estão acabados e agora vão para o anonimato... Dona Ema deixará a enfermaria e passará a servir café aos Artilheiros até que um dia se lembrem dela como mascote da corporação... Mânlio ainda volta outra vez, para uma ponta no dia da homenagem ao Marechal... Aristarco exige que ele se retrate de público, para que sirva de exemplo...

SÉRGIO - Canalhas!

CONTRA-REGRA - (*pesaroso*) Você nunca devia ter voltado...

SÉRGIO - O Atheneu era o meu destino! (*os alunos vêm todos para a frente do palco*) Veja! Eles estão aqui! (*comovido*) Estão todos aqui! (*os alunos se aproximam de Sérgio e fazem menção de querer tocá-lo*)

CONTRA-REGRA - O Atheneu que você sonhava acabou! Esses meninos só estão aqui para compor a cena do passado antes que chegue a sua hora...

SÉRGIO - E quando ela vai chegar?

PONTO - Aristarco é quem sabe, meu caro... você agora está sozinho...

SÉRGIO - E eles? (*apontando para os alunos que se movimentam silenciosamente no palco com gestos muito vagos, como se brincassem*) Não ficam na escola? O Gualtério, o Batista Carlos... o Ribas, o Maurílio... estão todos ali me chamando para as aulas... a vida precisa continuar...

CONTRA-REGRA - Eles estão de passagem... só fazem essa ponta porque existiu um tempo em que o Atheneu era uma escola, os professores ensinavam e os diretores não usavam fardas...

SÉRGIO - (*gritando aflito*) Gualtério!

PONTO - (*rindo*) Aquele não é mais o Gualtério...

SÉRGIO - Pois se eu estou vendo ali... (*lembrando*) Gualtério era o nosso palhaço... ríamos o tempo todo com ele... uma vez (*apontando para os fundos do palco*) ... bem ali no bebedouro...

PONTO - (*cortando*) Gualtério já foi embora deste mundo...

SÉRGIO - O Gualtério? Não pode ser!

CONTRA-REGRA - Foi atropelado pelo jipe dos Artilheiros, dizem que por acidente...

SÉRGIO - (*desolado*) E o Batista Carlos? ... o bugre que sempre o defendia...

PONTO - O Batista hoje é guarda-costas do Sargento... foi levado pelo Malheiro, que é filho de oficial...

SÉRGIO - O Malheiro também é deles?

CONTRA-REGRA - Dos que estão em cena aí no palco, só o Maurílio escapou.

SÉRGIO - O Maurílio, que não errava tabuadas?

PONTO - ... Foi posto na rua e nunca mais apareceu...

CONTRA-REGRA - O resto ficou aí e fez carreira... O Ribas, de anjinho do orfeão virou capelão de milícia... abençoa tudo o que Aristarco decide... O Álvares e o Nascimento Bicanca estão nas forças de segurança ao lado do Mata e do Negrão, que são agentes secretos... Interrogam, prendem e se livram dos indesejáveis...

SÉRGIO - (*desolado*) Quem diria... o corcundinha do Mata passar

de centuriãozinho de classe a agente secreto do Marechal...

PONTO - Dizem que foi ele quem despachou o Bataillard...

SÉRGIO - Eu saio hoje dessa coisa porca! Não sei como agüentaram tudo isso.

(erra pelo palco como se procurasse a saída) Se ao menos hoje eu tivesse o Sanches, ou me aparecesse o Barreto...

PONTO - Ou aquele antigo parceiro... o Bento Alves, forte e musculoso... *(rindo, a mão no ombro de Sérgio)* Eu sei... eu sei... você queria de volta os protetores, os amigos que lhe davam mão forte quando os veteranos atacavam...

SÉRGIO - *(ansioso)* O que é feito deles?

CONTRA-REGRA - *(para o Ponto)* Não adianta... ele não vai acreditar...

SÉRGIO - Onde estão eles? Por que não vieram?

PONTO - Eles hoje mandam em tudo, até mesmo em Aristarco...

SÉRGIO - Em tudo? *(rindo)* Mandam em tudo isso aqui?

CONTRA-REGRA - Eles são os Artilheiros!

SÉRGIO - Os Artilheiros que marcharam com Deus pelo Marechal?

CONTRA-REGRA - Eles mesmos, os Artilheiros de elite que prepararam a vinda o Marechal!

SÉRGIO - *(rindo à parte)* Comem então no cocho do Marechal, aqueles cretinos? E eu aqui sofrendo... *(correndo pelo palco, vibra, contra os apelos do Contra-regra e do Ponto)* Pois então saibam que estou salvo! Salvo! Sabem o que é isso? *(gritando)* Aristarco! Arauto! Abram a cena e podem voltar. Que venha o Marechal! O Atheneu vai subir no pau-de-sebo!

6

Uma vibração ufanista encorpa a cena dos áulicos na noite de 31 de março. O Arauto está no centro do palco recebendo inscrições para a festa do Marechal.

Orgulhosa, a longa fila dos áulicos passa pela mesa e deixa o seu ouro. Numa escrivaninha ao lado, Aristarco registra as inscrições e agradece a virtude cívica das contribuições para o bem do Brasil.

UM PAI DE ALUNO - *(para Aristarco)* Nobre comandante! Vivo em dificuldades, mas faço questão... *(abrindo um pequeno alforje, tira duas alianças de ouro)* É tudo que temos! *(entrega as alianças para o Arauto, que as recolhe)* Que seja para o bem do Brasil!

ARAUTO - *(a voz embargada)* O Marechal se orgulha de você! Vai, peregrino! *(o pai se retira)*

UM VELHO EX-COMBATENTE DA FEB - *(apresentando armas)* O meu mosquetão, comandante! Está um pouco enferrujado, é verdade, mas ainda cospe fogo... *(breve pausa)* Faço questão que entregue ao Marechal... *(encabulado)* é o meu herói inesquecível...

ARISTARCO - *(batendo continência)* É comovente... Unidos venceremos! *(sai o ex-combatente)*

UM FARRANCHO DE BRIOSOS BACHARÉIS - Os nossos anéis de grau para o bem do Brasil, comandante! *(depõem na mesa do Arauto um molho de anéis de formatura, em ouro e pedras)* Devolvemos ao Atheneu um pouco do que dele levamos na aurora das nossas vidas...

ARISTARCO - Bravos rapazes! *(para o Arauto)* Que mocidade! Que exemplo! À luta! *(os rapazes passam felizes)*

EMBAIXADOR NEFARIOUS MONKEY - *(abrindo ostensivamente uma pasta)* It's a great pleasure for us to help Brazilian people... *(passa muitos maços de dólares para as mãos de Aristarco, que os arrecada)* To my dear friend the Marshal...

ARISTARCO - *(recheando os bolsos)* - Thank you, Mr. Monkey! Thank you very much! *(comovido)* O Marechal saberá reconhecer... *(para o Arauto)* Oh! A solidariedade dos irmãos do Norte...

ARAUTO - *(fazendo mesuras a Nefarious Monkey, que se retira)* Thank

you, excelência! Thank you! (*para Aristarco, efusivo*) o Atheneu vai ao poder! O Marechal nos dá um ministério e nós fazemos a limpeza da nação!

ARISTARCO - Como é grande a flama da justiça!

ARAUTO - E a generosidade do nosso povo! Terra abençoada, esta nossa! Teto de todas as raças, gente sem preconceitos, espírito de cordialidade! (*indignado*) E dizer que quiseram destruí-la jogando irmão contra irmão!

ARISTARCO - Este país unido é invencível, não se iluda... Com a revolução que faremos chegará à seleção dos mais fortes e à descoberta de seu grande destino. Por isso, coragem para a luta e sempre alerta contra as armadilhas do mal...

ARAUTO - (*olhando comovido a romaria dos áulicos*) Toda essa gente... Veja!... os corações unidos empurrando... (*aponta para o baú das doações*) Tudo para o bem do Brasil... (*revolve o baú*) braceletes do Império... quem sabe o orgulho de alguma princesa... brasões de família... correntes de ouro... subscrições espontâneas dos banqueiros...

ARISTARCO - O Marechal não terá mãos a medir!

ARAUTO - Um estouro cívico sem precedentes! (*a mão esticada sobre os olhos, como quem olha à distância*) Veja até onde vai a fila!

ARISTARCO - É comovente!

ARAUTO - Vieram todos os homens de escol! Veja, Aristarco! Os guardiães, os bispos, os comendadores, os policiais, os comerciantes, os doutores todos, os alienistas e os comanditários!

ARISTARCO - Parece que não falta ninguém!

SÉRGIO - (*saltando afoito detrás de um guardião*) Falta isto, comandante! (*mostra o script a Aristarco*) A minha contribuição para a festa do Marechal!

ARAUTO - Graças a Deus!

ARISTARCO - (*solene*) A providência poupou-lhe a vida, menino! A hora da homenagem está chegando e o Sargento não se conforma com o que você fez...

ARAUTO - (*cortando, apressado*) Ora, vamos... o dia é de festa e o

que passou está enterrado... (*afável, para Sérgio*) O que vale é que a obra está escrita e o Marechal certamente... consagrado. (*faz uma pausa, constrangido*)

ARISTARCO - (*tentando tirar o script das mãos de Sérgio*) Quero ver! Deixe-me ver!

SÉRGIO - Não, não... ainda não! Preciso ouvir primeiro os Artilheiros...

ARISTARCO - Impossível! O Marechal vem amanhã e temos muito que ensaiar... (*em tom de ameaça*) Não esqueça que o Sargento...

SÉRGIO - Primeiro os Artilheiros...

ARISTARCO - Mas que insolência! (*ríspido, para Arauto*) E você o tempo todo tentando me convencer do idealismo desse bastardo!

ARAUTO - (*aflito, procurando conter a indignação de um comendador da República que ameaça sair da fila e levar de volta a medalha de Ordem do Rio Branco que trouxera para o Marechal*) Ora, vamos, Aristarco... que venham os Artilheiros... Hoje é dia de festa e a fila não pode parar... (*para o comendador, depois de arrecadar-lhe a medalha*) Parabéns! O seu gesto será lembrado no panteão nacional dos bravos que se rebelaram! (*abraçando-o, emocionado*) Vai em paz! (*O comendador passa orgulhoso*)

ARISTARCO - (*transtornado, para Sérgio, que deixa a cena*) Você me paga, maldito! Quem viver, saberá!

7

Ofertório e Prólogo

A passagem dos áulicos culmina numa aparição alegórica. Projetada na tela do palco por um efeito de luzes produzido pelo Cenógrafo, a cabeça de Aristarco cresce a uma dimensão desmesurada. Os gestos e a fala forçam o contraste com os diálogos que animaram a romaria ufanista dos patriotas. O efeito dura um tempo breve e o movimento prolonga a cena até que o

refletor do Cenógrafo mude a luz para os personagens da ação, que vêm todos para o palco acompanhando o Ponto. Na breve pausa que precede o Prólogo, Meireles, Gualtério e Bataillard voltam para fazer no Ofertório o Jogral dos Mutilados.

OFERTÓRIO - (*Meireles, Gualtério e Bataillard vêm para a boca de cena e recitam, compenetrados*)

*No país da bandalheira,
Do sambar, driblar, sorrir,
Um herói desconhecido,
Noutros tempos comedido,
Deu um golpe e vai subir!
Dizem que ele é bem sabido,
Que o gigante adormecido
Nas mãos dele vai tinir...
Mas você que é esclarecido,
Se tem medo de bandido,
Trate logo de sair!
Ele mata e chupa sangue,
Quer o céu, a terra e o mar!
Tem um padre que o conforta,
Um juiz que atesta e exorta
Seu direito de matar!
Valha Deus, Nossa Senhora!
Salve o chão, salve o lugar!
Valha a dor que nos recorta,
Salve a fibra que, hoje morta,
Não tem mais com que sonhar!*

TODOS OS PERSONAGENS DA AÇÃO - (*arrematando o Ofertório, em dicção debochada*)

No país da bandalheira,

*Do sambar, driblar, sorrir,
Um herói desconhecido,
Noutros tempos comedido,
Deu um golpe e vai subir!*

PONTO - *(para as personagens da ação, que se juntam no proscênio a Meireles, Gualtério e Bataillard)* E agora, atenção! Muita atenção! Começa aqui o Prólogo da homenagem. Que ninguém alegue ignorância do que vai comemorar. Nem se desculpe pelo excesso de entusiasmo que puser no seu papel. Afinal o teatro é uma arte livre e cada um representa com a máscara que julgar mais eloqüente. Mas um ator que se preza não deve ignorar o significado do personagem que interpreta. No caso do herói que vamos homenagear, um pacifista que fala a linguagem da garrucha, um intelectual que vendeu a alma à censura, um democrata convicto que pôs a faca no pescoço do presidente eleito pelo povo. Quem quiser saracotear, saracoteie. Eu, de mim, pulo fora do *scripte* a partir de agora me calo, que seguro morreu de velho. Mas antes que o homem chegue, é bom que cada um pense no que vai fazer. Já vi muito santo de véspera virar demônio no dia... E muita cabeça rolar por um simples rapapé. Não digam depois que não avisei... Agora, com sua licença, eu saio da peça e não sopro mais os diálogos. Se quiserem, que improvisem...*(o Ponto pega o roteiro e pula fora do palco)*

ARAUTO - *(tenso)* Não, não... Espere! Você não pode sair assim! A homenagem é amanhã!

CENÓGRAFO - Ele quer estragar o espetáculo...

ARAUTO - *(correndo atrás do Ponto, que se encaminha para os bastidores)* Você está louco? Sair agora? O Marechal manda fechar o Atheneu! *(o Ponto segue adiante sem se incomodar)*

SARGENTO - *(para Aristarco, o sabre na mão)* Posso pegá-lo?

ARISTARCO - *(rindo, agastado)* Não, não... não vale a pena incomodar-se com um pobre coitado que passou a vida repetindo o que os outros escreveram... *(para Arauto, que volta desolado)* Deixe-o lá den-

tro, atolado na tralha da coxia, de onde, aliás, nunca devia ter saído... Pobre-diabo! Só porque fez uma ponta no espetáculo, arvora-se em conselheiro dos atores... (*para os personagens da cena*) Vocês não ouviram o que ele disse? Que o Marechal é um celerado... que o ator deve ter cautela, como se o teatro fosse mais importante que a nossa vitória. (*aos brados*) Pois se saiu, que fique fora! Se é para improvisar, improvisamos... Não é por isso que o Marechal vai ficar sem a homenagem...

ARAUTO - Muito bem!

ARISTARCO - ... Improvisamos, encenamos o Prólogo a nosso modo! O importante é que cada um diga no palco o que tem a oferecer à causa do Marechal! E que faça com o melhor de si, como se representasse o maior papel de sua vida... Só assim reconheceremos o que ele fez pelo Brasil e daremos à sua vitória a grandeza que ela merece...

CONTRA-REGRA - Mas improvisar agora... na véspera da visita?

SARGENTO - E o que tem?

ARISTARCO - Ele diz isso porque nunca esteve numa encenação cercado por terroristas de verdade, sedentos do dinheiro das empresas para alimentar o fogo mercenário de guerrilha. Ou por franco-atiradores sanguinários que sabotam os quartéis em busca de vidas inocentes. Ah! se o Marechal não improvisa, o Brasil hoje era uma pocilga, uma esterqueira miserável fervilhando de barbudos decididos a queimar as igrejas, a saquear as famílias, invadindo terras e pondo a infância a perder...

SARGENTO - (*entusiasmando-se*) Vocês deviam beijar os pés desse homem... um bravo que já deu fogo na Europa e fez a Alemanha correr...

ARAUTO - A vinda dele amanhã é um marco em nossa história!

CONTRA-REGRA - Por isso mesmo! O Marechal não merece um fiasco... E depois... como fazer, se o Ponto levou embora o roteiro e Sérgio só revela o seu texto depois de ouvir os Artilheiros?

ARISTARCO - (*enfurecido*) Ah! lá vem você com esse covarde... (*eleva a voz*)... um idiota que queimou no Atheneu a única oportunidade

de ser intelectual neste país! (*divaga*) Podia estar como o Venâncio, brilhando na Academia... ou dando conferências na Europa, cercado de celebridades e de muita fama... (*para o Arauto, indignado*) E você é o culpado de tudo! Me garantiu uma epopéia, um talento que renunciava o sublime e prometia transformar o Marechal num Júlio César... (*mordaz*) E o que me sai? Uma barafunda para cabos-de-esquadra a que só falta o cachorro da tropa...

ARAUTO - Não seja impiedoso, Comandante! ainda há tempo! com os poetas é preciso paciência!

ARISTARCO - Poetas, poetas... ele que fique com os Artilheiros ou vá juntar-se ao Ponto no anonimato da coxia... Aqui não pisa mais!

ARAUTO - Comandante!

ARISTARCO - Basta de intelectuais e de poetas! Gente séria é o que é preciso! (*exaltado*) Se tem de haver um roteiro, que se imite a bravura do Marechal, que afinal é o protagonista da ação... Quem não concordar, que deixe o palco!

SARGENTO - Apoiado!

ARISTARCO - (*ainda exaltado*) - Os que ficarem que se encharquem de bravura e ofereçam o melhor de si em homenagem ao nosso herói! (*para Dona Ema*) Você, Ema, por exemplo... o que pensa oferecer ao Marechal?

DONA EMA - (*trêmula, arrastando-se com dificuldade para o proscênio*) E eu vou saber? No roteiro original, graças à bondade de Sérgio, que me tirou daquela espelunca (*bate três vezes no peito*), eu deixava a enfermaria onde você me jogou e ia servir café aos Artilheiros até que Deus se lembrasse de mim e me tirasse do Atheneu... (*desanimada*) Agora com o Marechal aí, não sei o que vai ser...

ARISTARCO - Pois faça isso mesmo!

DONA EMA - O quê?

ARISTARCO - (*impaciente*) Sirva o café ao Marechal quando ele chegar!

DONA EMA - (*indignada*) Servir de copeira no espetáculo da ho-

menagem?

ARISTARCO - Qual copeira... Você vai servir com ardor revolucionário e pôr tudo de si no ato de recepcionar um patriota... E servirá orgulhosa, como se você mesma tivesse arrancado esse café da terra que o Marechal ajudou a manter livre... Percebe? (*enfático*) É pôr o coração... entrar em cena e dar tudo de si...

DONA EMA - Mesmo assim... que diferença da época em que estávamos juntos, quando eu fazia as honras da casa na recepção aos seus amigos... (*lembrando*) Aquela gente toda chegando, o Atheneu todo aceso, e eu sempre ao seu lado... homenageando os heróis de outro tempo, não lembra? Os homens do DIP, os generais de 30, os tenentes todos ainda mocinhos... o Juarez, o João Alberto, o Filinto Müller... todos eles recebiam homenagens e eu era importante... Agora que estou velha... me pôr no palco para oferecer café... (*ela começa a chorar*)

ARISTARCO - Ora, Ema... seja sensata, a hora é de júbilo, nós vivemos o prólogo da homenagem e você deveria me agradecer a oportunidade de contracenar com um grande vulto da nossa história...

DONA EMA - Prefiro voltar para a enfermaria e acabar os meus dias ouvindo o Mânlio gemer... (*ríspida*) Sirva você o café ao Marechal, quem sabe ele prefere assim... Eu vou embora... (*Dona Ema deixa o palco*)

ARAUTO - Volte, Dona Ema! Não vá embora! Eu lhe prometo o xale da marquesa de Santos para você entrar bem bonita! (*ela desaparece nos bastidores*)

MÂNLIO - Pobre mulher! (*para Aristarco*) Depois de tudo o que fez por mim, não é justo deixá-la sozinha. (*recolhendo a bengala*) Eu vou com ela!

ARISTARCO - Como? Você não pode fazer isso!

MÂNLIO - Mas eu não tenho nada a oferecer ao Marechal! (*faz menção de sair*)

ARISTARCO - (*barrando-o*) Existe um compromisso!

MÂNLIO - Aquilo foi no roteiro antigo... Será que já não basta o que me fizeram por discodar de vocês? Quase me matam e ainda exigem o

perdão público... Isso não é justo... Se não servia antes, não sirvo também agora... (*tenso*) Deixe-me ir... Dona Ema está sofrendo... Basta de humilhação... (*tenta desvencilhar-se*)

ARISTARCO - Não, não, Mânlio! Você não vai! Exijo que se retrate para que fique o exemplo... Ninguém deserta e fica impune quando existe autoridade!

MÂNLIO - Mas se o Marechal não é Bolívar... que culpa tenho eu?

ARAUTO - Deixe-o ir, comandante! O homem delira... com essa idade, o corpo todo escalavrado, é capaz de arruinar o espetáculo... (*contendo Aristarco no corpo-a-corpo com Mânlio, que deixa o palco brandindo a bengala*) Melhor que ele você tem o Venâncio, um intelectual da casa perfeitamente afinado com as tradições do Atheneu... E com a vantagem da experiência. (*para Venâncio, que vem orgulhoso para o prosclênio*) Afinal ninguém pode negar que a sua ópera em regozijo ao Estado Novo foi um estrondo nacional e acabou levando o Getúlio para a Academia, não é mesmo Venâncio?

VENÂNCIO - (*dissimulado*) Ora, ora... eu já estou velho, aquilo foram coisas de outro tempo... (*bajulando*) Mas se o comandante precisar de mim...

ARISTARCO - Francamente, Venâncio... é verdade que as revoluções não morrem... mas ressucitar de novo aquela ópera com o seu cortejo de balilas, a carruagem ecumênica de Dom Leme, o matriarcado de Pindorama tocando fogo nas bandeiras dos Estados... Para mim é demais... Hoje a guerra é outra, as raposas da FEB jogam gamão com os *mariners* ancorados na Guanabara e o dinheiro dos magnatas de São Paulo... Está tudo tão automático, tanta maravilha inspirando os heróis, que é preciso arranjar um outro cenário para o Marechal...

CENÓGRAFO - Mas sem desperdiçar a mensagem da obra, que o Marechal e o Getúlio são parceiros da mesma trincheira...

VENÂNCIO - Isso aí já é com o Arauto...

SARGENTO - Pensando bem, é isso mesmo, e se o Arauto me permite, a cara de um é o focinho do outro...

ARISTARCO - (*incomodado*) Veja lá, Sargento... segure essa língua...

SARGENTO - Pelo menos é assim que eu vejo, Comandante! (*matreiro, escolhendo as palavras*) Se um é baixo e gordinho, o outro é gordo e baixinho... se um é feio por fora, o outro é feio por dentro... se um teve o Filinto, o outro teve o Fleuri...

ARISTARCO - (*amuado, afastando-se do grupo*) Não acho graça...

ARAUTO - (*rindo*) Não, não... apesar de abusada, até que a compação procede...

SARGENTO - O Marechal é um homem sério e um fiasco agora seria a nossa desgraça... o Venâncio que me desculpe...

VENÂNCIO - Fiasco? Que fiasco? Estou quase no fim da vida e nunca soube o que é fiasco! (*para Aristarco, desolado*) Se foi para isso que me chamou, peço que me perdoe, mas vou embora... Não tenho mais nada a oferecer ao Marechal...

ARAUTO - Nem pense nisso, Venâncio! O Sargento estava apenas brincando... Se você sai agora, vamos ter de parar o ensaio e o Prólogo fica pela metade...

ARISTARCO - Que tolice é essa? Quem ele pensa que é? Um Rui Barbosa? Um Coelho Neto? Afinal, quem manda aqui? (*aos brados, vendo Venâncio desaparecer por entre as cortinas*) Eu já disse que só fica no palco quem quiser entregar o coração ao Marechal... E pelo que vejo, nem mesmo vocês estão convencidos das razões da homenagem... (*irado, enquanto aponta para os bastidores*) Pois se quiserem, a saída é por ali...

ARAUTO - E a tradição? Quem vai zelar da tradição?

SARGENTO - (*transfigurado*) Fora, miseráveis! Basta de tradição e de lacaios! Então era nisso que pensavam? Pois saibam que amanhã o Atheneu chega ao poder, e o poder não se divide... (*investe contra o Sargento e o Arauto, que correm para os bastidores*) Fora, bastardos! Quero estar sozinho no palco quando o Marechal entrar... (*adiantando-se para o prosclênio, começa a delirar*) Meireles, Gualtério e Bataillard estão mortos, Franco e Barbalho na cadeia, Sérgio e os Artilheiros desceram ao oitavo círculo do Inferno... A glória é toda minha... faço sozinho a ho-

menagem! Só quero comigo o Negrão e o Mata... (*rindo muito*) meus dois honrados justiceiros... Sem eles, o espetáculo não começa, e o Marechal merece um Prólogo a caráter...

8

Anticlímax de 1º de Abril

Cena de coxia.

SÉRGIO - Já foram todos embora?

SANCHES - (*sem a máscara de Primeiro Artilheiro*) Não. (*olha em volta*) Ainda faltam o Cenógrafo e o Contra-regra. Estão recolhendo o que restou do cenário...

BARRETO - (*ainda com a máscara de Segundo Artilheiro*) Parece que o Cenógrafo está chorando. Aristarco moeu tudo a pontapés...

SÉRGIO - Diabos!

SANCHES - Ah! Ia me esquecendo de Dona Ema... Está lá dentro tirando a maquiagem. Me pediu um dinheiro para o taxi... Diz que o Arauto não pagou o cachê e ela não tem para onde ir...

SÉRGIO - Vai sem o Mânlio?

SANCHES - O Mânlio voltou com o Ponto para o asilo, pois não sabem bem o que vai ser depois que a homenagem terminar...

BENTO ALVES - (*ironizando enquanto põe a máscara de Terceiro Artilheiro*) Ora... não sabem bem o que vai ser!... Como personagens de segunda, vão descer mais fundo no abismo onde caíram ... e nunca mais retornarão aos palcos...

BARRETO - Não sei se é praga ou agouro, mas o Arauto, antes de sair, disse que a homenagem vai durar mais de vinte anos... tempo suficiente para que todos apodreçam no anonimato da miséria, enquanto as fúrias pastam na noite sob os estalos dos nossos chicotes...

SÉRGIO - (*atento*) Há passos lá fora!

SANCHES - (*tornando a olhar em volta*) É o Cenógrafo indo embora!

SÉRGIO - Sozinho?

SANCHES - (*espreita*) O Contra-regra está lá no fundo, com Dona Ema. Estão olhando tudo... Em silêncio e devagar... Parece que ela está se despedindo do Atheneu...

BENTO ALVES - Por certo deve ter conversado com o Arauto e já sabe que a partir de agora o que era doce se acabou... (*rindo muito por trás da máscara*) que agora quem dá aulas somos nós... (*para Barreto*) Os livros já estão amontoados no pátio?

BARRETO - Já. Só falta despejar a gasolina.

BENTO ALVES - Eles já saíram?

SANCHES - Dona Ema acaba de bater o portão.

BARRETO - Podemos então começar?

BENTO ALVES - E por que não?

SÉRGIO - (*preocupado*) Vocês não se incomodam se eu ficar para ajudar um pouco?

Tela.

Viagem á volta de um assumpto.



*Falta-lhe assumpto; elle tristonho está.
Nao sabe de que typo se rirá.*

*Na apfeen com fumo, sem dinheiro, com
Amigos, são a procurar alguém.*

*Na rua esbarra co-o Palhaço Po-
lydoro.... Resumpto: nada; mette dô!...*



*Deixa o clown, mas alem de frente da,
Adivinhem com quem? Com Ze Gamba.*

*Ze Gamba olha triste para o Ze
Leão, que é o ferrabras la do Sapá.*

Delo duro y con fuerza

Club Gymnastico Portuguez



*O Roberto labares: - Quem da mais
Por estas botas? Quez amboni? a. zas!*

*Quanta gentelquomazal que festa!...
Mas o Gêreta do Jardim não presta!*

*A folha toma formas asininas:
E um diacrisim, mas de campinas.*

Agonia e morte do Diarrio de Campinas.



1º
Meu pae afastae de mim esse feioe!.....

2º
sua Estupidez trahu-o e no' o entregou.

3º
O Messias da Asneria. Veru pregar..... couces.

4º
ECCE ASINUS!.....

5º
Upa!.....

6º
Levanta-te! caminha!

CONSUMMATUM EST!

BIB. NAC. N. 810 DE JAR.
1869-70 DE RES.

É como se por mim não se deparasse a verdade deste aviso, que me despiu de um gosto dos illusions de infancia educada, e o tocamento na estufa do caninho, no regimen de amor domo-
tico, foi diferente do que se encontra fora, que bem parece ter
as mesmas causas e a mesma natureza, um artifício sentimental
com a vantagem unica de fazer mais sensível a creatura á impu-
ria e á desonestidade, e a busca da retabilidade,
na busca de um novo clima rigoroso.

Logo se vê, porém, e sobretudo, a constancia hypocritica, dos felizes tempos
como se a mesma verdade se hoje sob outro aspecto não nos ha-
vesse esquecido e agora e não visse de longe, a infamia das
descepções que nos attingem. Euphemismo os felizes tempos
euphemismo a saudade dos dias que correram como o vento.
Por considerada a actualidade é a mesma em todos os da-
das. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações
que se transformam alentadas perpetuamente do mesmo
ardor sobre a mesma base phantastica de esperanças actuali-
de e summa; sob a coloração cambiante das horas, um pouco de or-
o mais pela ^{manhã} um pouco mais de purpura ao crepusculo — a
paysagem é a mesma, de cada lado, feirando a estrada da vida.

Eu tinha nove annos. A frequentação já começava por al-
guns mezes em a escola familiar no Caminho Novo, onde
algumas senhoras ingliezas, sob a direcção do Sr. distribui-
am como melhor lhes parecia educação á mocidade. Entrava ás
nove horas, timidamente, ignorando as lições, com a maior re-
-

Caricatura sobre a imprensa de
Campinas retirada de *O Bohemio*.
SP. 27 de Agosto de 1881.p.5

Trecho inédito do manuscrito de *O
Ateneu*, pertencente à Seção de
Obras Raras da Biblioteca
Nacional, Rio de Janeiro.